

Apogée Duetta Signature

APOGEU SÓNICO

Finalmente, e graças à rubrica «Cadernos do Som» — exclusivamente criada pela Audio para tratar de equipamentos do outro mundo, mais por uma questão de curiosidade do que por uma questão de utilidade, dadas as verbas envolvidas na sua aquisição — finalmente, dizia, eis que tenho oportunidade de, após dois anos consecutivos de uma relação íntima, que começou por ser um simples *affaire*, e acabou por se tornar uma paixão, de falar do meu grande amor audiófilo — as Apogée Duetta Signature.

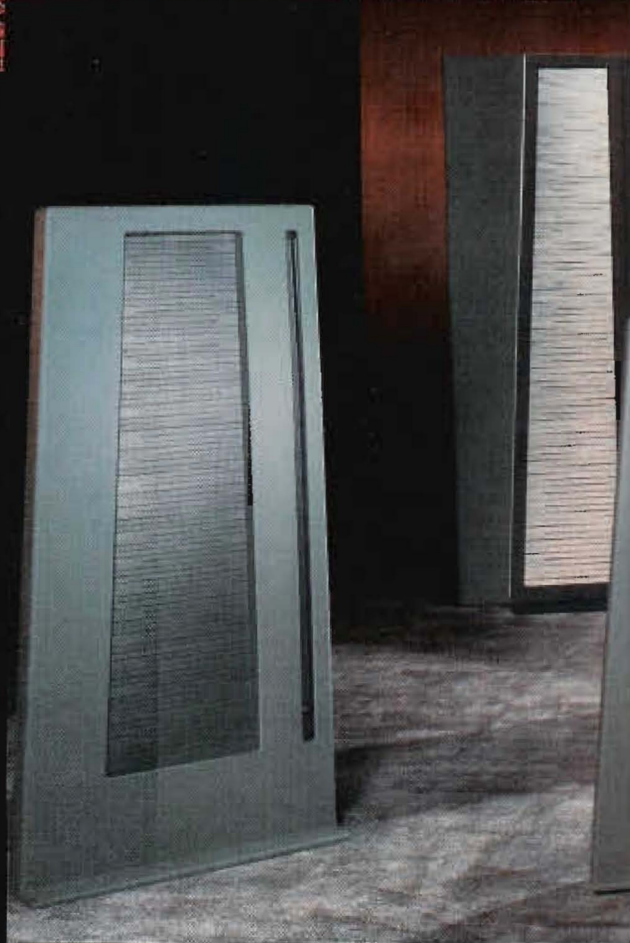
No seu sentido semântico mais profundo, apogeu significa fora-do-mundo. E é isso exactamente o que as Apogés são: umas colunas de som do outro mundo, quer pelo seu elevado preço (superior a mil contos); quer pela tecnologia utilizada; quer pelas suas exigências em termos de posicionamento correcto, espaço circundante e tipo de qualidade da amplificação. Um amplificador inadequado é o suficiente para borrar a pintura e deixar o ouvinte perfeitamente indiferente, dando-lhe a sensação de opacidade, arrastamento, falta de dinâmica. Mas conduzidas pela mão poderosa e firme de um Krell estas colunas rasgam no rosto metálico de alumínio um sorriso luminoso de mil cores que se prolonga no rosto de quem as ouve. São, na minha opinião, das melhores colunas de som do mundo, porque aliam como nenhuma outra a extraordinária transparência das Martin-Logan na gama média, e a dinâmica, sensação de força e ritmo das Infinity Beta; a focagem precisa e a coerência de fase das Quad ELS 63, e a extraordinária imagem em escala natural das Mirage. As diferenças de opinião devem-se em 90% dos casos às diferentes condições em que foram ouvidas. Nada mais.

Mas nem sempre foi assim. As Signature são já o terceiro modelo Apogée que tenho o prazer de utilizar como referência. O primeiro, as Caliper, embora agradável e muito musical com uma gama-média cheia e muito informativa, sofria de um estranho restolhar no painel de graves, com os baixos profundos a soarem enrolados e distorcidos a altos níveis; o segundo, as Duetta II, era maravilhoso mas muito exigente em termos de amplificação, sofrendo também a níveis de pressão sonora não necessariamente muito elevados; mas a nova versão, as Signature, constituem o sonho de qualquer audiófilo: sentir que os músicos estão ali, perfeitamente enquadrados no seu «ambiente» natural, que varia em dimensão conforme o local da gravação, e que o som não vem das colunas, mas do local exacto em que a fonte sonora se encontrava em relação ao microfone que a captou (no caso das gravações directas ao vivo por técnicas minimalistas de Blumlein); ou na «posição» em que o produtor achou por bem colocá-la, no caso de trabalhos de estúdio com mistura posterior à captação do som original. Também ao contrário dos modelos anteriores, embora continuem a preferir a companhia de Krells e quejandos, qualquer amplificador de boa qualidade

as «põe a cantar» sem problemas de maior, à excepção de um ou outro programa mais exigente em termos de frequências baixas. Infelizmente, para se conseguirem estes resultados, não basta integrá-las num bom sistema; é preciso tempo e paciência para as adaptar ao seu novo ambiente.

Problemas de adaptação

Quando as ouvi pela primeira vez em minha casa, fiquei desiludido, como



já ficara em Londres quando da sua estreia europeia. Achei-as brilhantes, duras, menos musicais que as Duetta II. O baixo era excessivo e reagia com a frequência de ressonância da sala de audição. Apeteceu-me chorar. Sim, porque o negócio já estava feito e não havia nada a fazer. Ou vocês pensavam que lá por ser crítico me mandam Apogées à borla?...

As Apogées são como um animal de estimação: é preciso conhecê-las, acarinhá-las, tratá-las correctamente com cabos adequados e bom equipamento complementar. Além disso, é necessário deixá-las «queimar». Ao

ca: nunca a menos de 1,20 m da parede de fundo, que deve ser plana e nua e não demasiado afastadas uma da outra, dependendo naturalmente da distância a que normalmente se senta para as ouvir. Se se senta a menos de 2 m (pode estar a 1,5 m delas que a imagem continua a ser fabulosa), quaisquer 1,20 m entre as colunas chegam perfeitamente. O fabricante não aconselha a incliná-las para dentro, prefere mantê-las paralelas à parede de fundo. No caso das Signature, eu prefiro virá-las um tudo nada na direcção do local de audição, o que, curiosamente, não se verificava

com as Duetta II. As Signature devem ficar ligeiramente inclinadas para trás, como o fabricante indica. Esta posição é muito crítica e ambas as colunas devem ter exactamente o mesmo ângulo de inclinação para evitar problemas de focagem. Junto com as colunas é enviado um pequeno prumo para o efeito.

Aconselha-se também a não as ter muito encostadas às paredes laterais (mínimo 20-30 cm, embora isso não me pareça tão crítico como a distância em relação à parede de fundo).

A partir desta colocação base, podem fazer-se experiências: por vezes, mais cinco, menos cinco centímetros para trás ou para a frente podem produzir uma diferença incrível na imagem estereofónica. Se a sua sala for demasiado despida, com tendência para reverbear, umas almofadas decorativas estrategicamente espa-

lhadas no chão, no espaço que medeia entre as colunas e a parede de fundo podem substituir uns TubeTraps (tubos absorventes especialmente fabricados para áudio), poupando-se bastante dinheiro.

Embora funcionem perfeitamente com cablagem simples, as Apogées como que se transformam com a bicablagem, tornando-se de tal forma nítidas e transparentes que a simples mudança para outro tipo de cabos é imediatamente audível. Após várias experiências, optei por Supra 10 com bons resultados. Há melhor, mas es-

fim de um mês de utilização constante, ou menos tempo se as deixar permanentemente ligadas durante 2 ou 3 dias a «reproduzir» ruído-rosa, você começa a senti-las desabrochar como uma jovem bela na sua passagem para a idade adulta.

Colocação e posicionamento

As Signature pesam mais de 60 quilos cada. Não se podem andar a passear pela sala para ver onde ficam melhor. É preciso ter à partida uma ideia bási-

AUDIO SETEMBRO DE 1989



A versão do Duetta II em tons de «beije»

tes estão cá à venda e cumprem perfeitamente, denotando apenas um ligeiro grão nos primeiros dias de utilização que vai desaparecendo com o tempo.

Quanto ao problema da interacção do baixo com salas de audição pequenas como as das «casas portuguesas», coloquei duas pranchas de medite com 14 cm de altura e 40 cm de comprimento na parte inferior e posterior do painel de graves (uma em cada coluna), aparafusadas à estrutura de madeira da própria coluna, logo por cima da placa negra do filtro divisor, com um pouco de *tesamoll* para evitar vibrações, seguindo o conselho do próprio Ricardo Franasovici. Os resultados são surpreendentes e absolutamente satisfatórios. O equilíbrio tonal é agora perfeito, mesmo com o comutador do filtro na posição NORMAL, embora eu prefira a posição LOW para ouvir discos compactos.

As colunas impossíveis

A tecnologia das colunas de fita, mais conhecidas por *ribbons*, não é novidade, tendo sido patenteada na Alemanha em 1900. O famoso *tweeter* que Kelly concebeu para a Decca-London, e que eu próprio já utilizei

com excelentes resultados numas colunas híbridas, é um extraordinário exemplo das potencialidades desta tecnologia quanto à reprodução correcta do som. O tempo de subida é praticamente instantâneo, mantendo todo o impacto do transitório inicial dada a ausência de massa. O que ninguém tinha tentado era construir umas colunas de fita integral como as Apogée. Um *tweeter* é fácil, mas reproduzir toda a banda áudio utilizando esta tecnologia é obra. Para isso foi preciso que dois engenheiros aeroespaciais americanos dessem as mãos. O enorme peso (e preço) das colunas deve-se em parte aos poderosíssimos íman necessários para criar um campo magnético suficien-



Painel de madeira colocado na base do painel posterior de graves para corrigir a interacção com a ressonância da sala



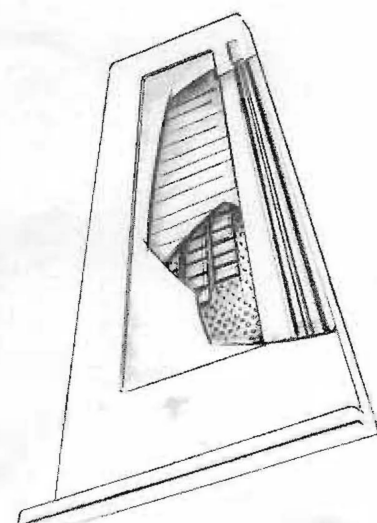
As novas Duetta Signature. Reparem nos suportes de alumínio

perfurada que funciona segundo o princípio isodinâmico das Magneplanar, embora aqui se tenha optado por uma membrana de *mylar*, o que leva alguns críticos a considerar que não se trata de facto de colunas de fita integral. O que acontece é que esta membrana de apenas alguns micrones é cortada à mão (!!) segundo um padrão helicoidal, funcionando de facto como um *ribbon* tal como os fabricantes defendem. Ao contrário da unidade de agudos-médios, o painel de graves quase não vibra mas dada a sua enorme superfície permite-lhe produzir elevados níveis de pressão sonora (até 106 dBA) conseguindo reproduzir frequências abaixo de 30 Hz! A resposta de frequência integral é de 30 Hz-20 kHz, sendo o filtro divisor um simples filtro de 6 dBs por oitava, garantindo uma integração perfeita.

Audição

temente forte para manter sob controlo a finíssima fita tripla de alumínio que, colada num suporte de *kapton* para uma maior longevidade, vibra à passagem da corrente, como uma espiga ao vento, sem qualquer atrito, resistência ou acção da inércia, variando a amplitude da ondulação com a amplitude e frequência do sinal musical. O painel de graves — que corresponde a quatro unidades convencionais de 12 polegadas por canal! — é constituído por uma membrana de alumínio de forma trapezoidal esticada em frente de um conjunto de ímanes montados numa placa de aço

A Audição de umas colunas deste tipo é, como sucede com as outras colunas que já referi, uma experiência emocionante. É como se entre nós e os músicos nada existisse. É certo que não os vemos, mas ouvimo-los e sentimos-los. É possível não só ouvir o som que produzem, mas como o produzem: qual a técnica utilizada no caso de guitarristas e violinistas; a forma como acariciam as teclas do piano, ou a forma como colocam os lábios para produzir uma nota. Absolutamente notável. Não há distorção no agudo, que parece estender-se até ao infinito; não há dureza na gama



Esboço de um corte das Apogée mostrando a estrutura interior

média que reproduz a voz humana com um realismo assustador; não há nada que interfira no puro prazer de ouvir. As imagens dos cantores surgem-nos fantasmagoricamente corporizadas em tamanho natural; os locais de gravação com as dimensões exactas, dependendo, claro, da qualidade da gravação. Maravilhoso. Rendo-me incondicionalmente. Só a versão das Duetta Signature em mármore (!!) me levaria a separar-me delas. Aceitam-se propostas...

■ JVH

AUDIO SETEMBRO DE 1989